

Entre políticas e práticas curriculares, cultura escolar e formação de professores

Maria Cristina dos Santos Peixoto

Professora Associada UENF

mcris@uenf.br

Leny Cristina Soares Souza Azevedo

Professora Adjunta da UFRJ

leny.az@hotmail.com

RESUMO: o artigo reflete sobre uma pesquisa educacional e tem como objetivos debater sobre questões curriculares da formação de professores, buscando resgatar memórias que têm sido tecidas na constituição de ser professor. A proposta metodológica pautada em oficinas pedagógicas deu-se através de vivências estéticas tangenciando o conceito de Arte, enquanto uma linguagem potencializada, capaz de ampliar a consciência humana, sendo apoiada nas categorias: auto-conhecimento e criatividade. Como suporte teórico buscou-se Ostrower (1998), Read (2001) e Vygotsky (2001; 2003). A metodologia orientou-se pela abordagem qualitativa. O corpus da pesquisa realizou-se através: observação; diário de bordo; produção de imagens; registro escrito e fotográfico; questionários. Os resultados foram em direção à ampliação da compreensão do universo da cultura escolar que abrange a formação de professores, articulada às discussões sobre a qualidade educacional, apontando para a necessidade de construir alternativas curriculares para a Educação Básica.

Palavras-chave: cultura escolar; formação de professores; práticas curriculares

ABSTRACT: The article reflects on an educational research and aims to discuss issues of teacher education curriculum, seeking to recover memories that have been woven into the constitution to be a teacher. The methodological approach grounded in pedagogical workshops took place through aesthetic experiences, alluding to the concept of art as a language improved, able to expand human consciousness and is supported in categories: self-knowledge and creativity. As technical support was sought to Ostrower (1998), Read (2001) and Vygotsky (2001, 2003). The methodology was guided by a qualitative approach. The corpus of the research was carried out through: observation; logbook; imaging; written and photographic; questionnaires. The results were toward expanding the understanding of the universe of school culture that includes teacher training, linked to discussions of educational quality, pointing to the need to build alternative curriculum for Basic Education.

Key Words: culture school; teacher training; curricular practices

INTRODUÇÃO

Na atualidade, pensar sobre questões curriculares sobre formação de professores impõe que mergulhemos nos profundos embates e impasses que caracterizam o fazer de educadores e pesquisadores no âmbito da realidade estética e cultural no espaço escolar e na formação docente.

Sendo assim, a comunicação pretende contribuir com reflexões sobre uma pesquisa educacional acerca do tema: “Práticas curriculares, cultura escolar e formação de professores” que foi desenvolvida nos anos de 2008 e 2009, com sessenta jovens do Curso de Formação de Professores, dos 1º e 2º anos do Ensino Médio, do Colégio “João Pessoa”, no município de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Foi realizada em parceria da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Teve como objetivos resgatar os registros, as memórias que têm sido tecidas na constituição de ser professora, além de propor compreender o complexo universo das questões curriculares multiculturais contemporâneas, da cultura escolar que abrange a formação das futuras professoras, articulada às discussões sobre a qualidade educacional e a necessidade de construir alternativas curriculares para a área de arte/educação nos primeiros anos da Educação Básica. Também, tivemos a preocupação de debater sobre questões curriculares a respeito da formação de professores/formadores.

A proposta metodológica pautada em oficinas pedagógicas expressivas deu-se através de vivências estéticas (LARROSA, 2002) ocorrendo uma vez por semana, durante dezesseis meses, tangenciando o conceito de Arte, enquanto uma linguagem potencializada que contribui na constituição do sujeito (VYGOTSKY:1988;2001; 2003) e na ampliação da consciência estética humana.

A investigação foi apoiada nas categorias: criatividade, auto-conhecimento e diversidade cultural com sua inserção nas questões curriculares contemporâneas, cujos percursos investigativos pretenderam estimular a reflexão/vivência sobre a necessidade de novos olhares na constituição da subjetividade de “ser professor”, buscando compreender as formas como os (as) educandos (as) incorporam e percebem através das práticas da cultura que vivenciam e das experiências pedagógicas expressivas o seu processo de formação inicial como futuros professores.

COLÉGIO ESTADUAL “JOÃO PESSOA”/UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO: TRAJETÓRIAS E ENCONTROS

O lócus da pesquisa foi o Colégio Estadual “João Pessoa”, situado à Rua Operário Campista, S/N, Parque São Caetano, na cidade de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. Este colégio é órgão integrante da Secretaria de Estado de Educação e, como tal, funciona em conformidade com as metas e programas elaborados pelo Governo do Estado, na forma das legislações Federal e Estadual pertinentes.

No ano de 2004 foi construído, no colégio, um espaço para que um grupo de trabalho composto por consultores de instituições de ensino superior e professores de escolas da Rede Estadual de Ensino, sob a coordenação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pudesse, cooperativamente, elaborar um documento para cada área de conhecimento, dos diferentes níveis e modalidades de ensino: Fundamental (6º ao 9º ano), Ensino Médio, Curso Normal e Educação de Jovens e Adultos.

Sendo assim, a comissão elaborou um documento contendo a Reorientação Curricular para o Curso Normal – Ensino Médio, que depois de anos reabre inscrições para jovens se candidatassem ao magistério do ensino médio, apontando a necessidade de se investir na qualidade da formação e no aperfeiçoamento das condições das escolas para o favorecimento da construção de projetos pedagógicos voltados a uma formação profissional de qualidade.

Este Colégio Estadual, inserido no contexto das políticas públicas da educação no Estado do Rio de Janeiro, vem enfrentando desafios relativos aos graves problemas de rendimento escolar do município de Campos dos Goytacazes, como o demonstrado nos baixos índices obtidos pelo IDEB, de acordo com a tabela:

IDEBs observados em 2005, 2007 e Metas para rede Municipal - Campos dos Goytacazes

Ensino Fundamental	IDEB Observado		Metas Projetadas							
	2005	2007	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Anos Iniciais	2,9	4,3	2,9	3,3	3,7	4,0	4,3	4,6	4,9	5,2
Anos Finais	2,7	3,2	2,7	2,9	3,2	3,5	3,9	4,2	4,5	4,7

- Fonte: Prova Brasil e Censo Escolar

Vale lembrar que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado em 2007 com o objetivo de medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino brasileiro. O indicador é calculado com base no desempenho do estudante em avaliações do INEP e em taxas de aprovação. Assim, para que o IDEB de uma escola ou rede cresça é preciso que o aluno aprenda, não seja repetente na série e frequente a sala de aula.

Este índice é medido a cada dois anos e o objetivo é que o país, a partir do alcance das metas municipais e estaduais, tenha nota seis em 2022 – correspondente à qualidade do ensino em países desenvolvidos.

É neste cenário que a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, localizada neste município, vem ao longo 17 anos cumprindo sua missão de crescer, tangenciando suas ações no campo das ciências e das tecnologias de ponta. Tem por objetivo mais relevante atender, efetivamente, a médio e a longo prazo, o desenvolvimento sócioeconômico do País e da Região Norte Fluminense, oportunizando a operacionalização de novas perspectivas nos campos das Ciências, das Artes e das Humanidades. Assim, a UENF tem ampliado seu potencial dialógico, UNIVERSIDADE/SOCIEDADE, no que se refere à produção crítica e contínua de conhecimentos.

Frente ao quadro educacional do município, a Universidade, através de pesquisas nas áreas de formação inicial e continuada de professores, vem se comprometendo em investigar sobre problemas culturais, sociais e educacionais por meio de práticas atuais de pesquisas, caracterizando-se como parceiro em defesa da melhoria do ensino público do município, propondo caminhos investigativos, abrindo espaços de diálogos que permitam dar corpo às reflexões e ações que ora apresentamos.

Nesta ótica, contemplamos nesta comunicação, parte de nossas preocupações sobre a atuação docente e seu processo de profissionalização, trazendo indagações e questionamentos acerca das experiências comuns e divergentes, como também os ideários construídos nas memórias dos alunos do curso de formação de professores sobre a cultura escolar e a construção do saber. Isso exige repensar as práticas curriculares cristalizadas e construídas sobre a docência, o ensino e a aprendizagem, principalmente as concepções ancoradas em tempos e espaços diversos e adversos e que guardam lugares de memórias e histórias.

CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ENSINO DE ARTE NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para compreender este processo de constituição de ser professora, destacamos fazer as leituras do ensino de Arte nas práticas escolares vivenciadas pelas alunas em processo de formação e a análise das possibilidades de aprimoramento das atividades educativas a partir desse ensino, pois essa é uma das propostas do currículo do Curso de Formação de Professores do Ensino Médio.

Indo em direção a este mote, as práticas escolares em Arte, no Curso de Formação de Professores do Ensino Médio, no texto legal, Lei 9394/96, Art 26, 2º, estabelece que o ensino de Arte constitui “*componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos*”. Por sua vez, os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Arte (1997) partem da compreensão do currículo como algo em processo permanente de construção “*propondo uma agenda afirmativa que possibilite a superação dos entraves ou das omissões identificados nas orientações curriculares anteriores*” (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008).

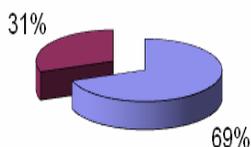
A partir desse olhar é possível perceber que, geralmente, esta área tem focado seus objetivos de forma muito geral, tornando-se uma disciplina pulverizada por tópicos, técnicas, “produtos” artísticos que empobrecem o seu verdadeiro sentido, no que diz respeito aos espaços de ensinar e aprender na Educação Básica. Além disso, quase sempre, as aulas de Arte acontecem por meio de aulas entre disciplinas que, em geral, são consideradas mais “sérias”, não tendo um espaço para as ambiências expressivas, favoráveis à criação.

Educadores que trabalham com Arte, normalmente, apontam problemas enfrentados nos espaços escolares, quanto ao ensino e à aprendizagem, além das dificuldades na organização de atividades em função do tempo exíguo de aulas, a quase inexistência de atividades culturais extra-escolares, a falta de sala de aula adequada, a falta de material específico, além da desarticulação entre os dispositivos legais e prática pedagógica de Arte.

Constatamos este cenário a partir da pesquisa que Santos e Peixoto (2010) desenvolvem sobre “O ensino de arte na formação inicial e continuada de professores em *Agenda Social*. V.4, nº3, set-dez / 2010, p. 38 -53, ISSN 1981-9862

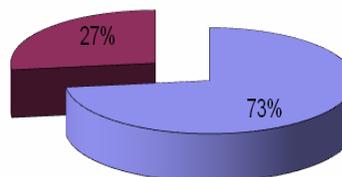
escolas municipais de Campos dos Goytacazes”, RJ- Brasil, em parceria UENF/CNPQ, como comprovado nos gráficos a seguir, mediante a análise às respostas a um questionário.

Já leu livros específicos sobre Arte Educação?



■ Não ■ Sim

Você se acha preparado para trabalhar com Arte no Ensino Fundamental?



■ Não ■ Sim

Você já leu os Parametros Curriculares Nacionais para o Ensino de Arte?



■ Sim ■ Não

O breve recorte da pesquisa reflete as dificuldades/desafios com que a Arte, enquanto área do conhecimento enfrenta, gerando lacunas nas vivências pedagógicas daqueles que se preparam para um adequado desempenho profissional.

Nesta perspectiva, corroborando com este quadro, ainda Peixoto (1999, 2003, 2008) constata o lugar periférico da Arte na instituição-escola, somado ao caráter simplificador/redutor das propostas pedagógicas, que, muitas vezes, não têm colaborado para o rompimento da fragmentação do conhecimento. Também, as práticas em Arte, quase sempre, não têm viabilizado uma aprendizagem estética dotada de sentido e significado, uma vez que as condições materiais e de formação do professores não têm atendido às necessidades atuais apontadas no próprio texto legal.

O quadro de reflexões, apesar dos avanços da Lei 9394/96, revela os desafios enfrentados pela escola e pelo sistema educacional em suas políticas curriculares, decorrentes de questões sociais e econômicas que refletem nas dinâmicas escolares cotidianas, nos instigando a algumas entre tantas perguntas: Frente à proposta da política educacional vigente, o ensino de Arte tem correspondido aos critérios legais? Como os professores recebem e colocam em ação, as políticas de Orientação Curricular? Como se realiza o ensino de Arte na formação inicial dos professores? Que vivências em arte têm tido os futuros professores? Tais vivências têm possibilitado o encontro com a sua PALAVRA na construção de sua própria narrativa?

Não pretendemos nos limites desse artigo, responder às questões suscitadas, entretanto, a pesquisa que ora desenvolvemos vem apontando a exigência de uma formação dos profissionais de Educação, que atuam na área de Arte, menos fragmentada, que vá em direção à inteireza e à complexidade de sua formação, permitindo romper com as polaridades que, há séculos, foram impostas pela racionalidade, ainda presentes. Assim, há necessidade de se pensar as instituições formadoras de educadores, como um espaço potencial de criação de saberes humanos – sociais, éticos, lógicos, corpóreos, estéticos e culturais.

E assim, muitas inquietações nos assaltam e muitos caminhos possíveis a serem trilhados....

A LINGUAGEM EXPRESSIVA NO RESGATE DE MEMÓRIAS, E NARRATIVAS DE SI NA CONSTITUIÇÃO DE SER PROFESSOR (A)

Territórios que são acessíveis aos nossos sentidos e pertencem ao nosso ambiente humano e natural e testemunham, com uma espécie de evidência, lugares de experiências formadoras e fundadoras. Mas existem igualmente espaços invisíveis, ou não tangíveis, nos quais as simbólicas do sentido, humanamente construídas no singular-plural, se dão a conhecer como topologias experiências (JOSSO, 2008, p. 23).

A autora nos faz refletir sobre esses lugares de vivências que nos formam e nos fundam, cujas memórias sobre nossa formação escolar poderão ser mais vivamente lembradas ou “des-ocultadas” a partir de vivências estéticas comprometidas com o sensível.

Assim, a pesquisa que ora apresentamos, com a participação de sessenta futuras professoras do Curso de Formação de Professores, no Colégio Estadual “João Pessoa, no município de Campos dos Goytacazes, objetivou convidar as educandas a mergulharem amorosamente na profunda aventura de existir e de dar sentido as suas experiências formadoras, a partir do contato com diferentes formas de linguagens expressivas, em Oficinas Pedagógicas criativas, que ocorreram em encontros semanais, totalizando uma média de 60 horas de atividades.

Elegemos a abordagem qualitativa de pesquisa, tipo estudo de caso, buscando priorizar os aspectos dinâmicos/complexos/subjetivos da natureza humana, o que nos fez procurar nos encontros vivenciais, facilitar o espaço de escuta atenta (LÜCKE, ANDRÉ, 1988).

Os sessenta jovens participantes, de 15 a 18 anos, cursavam, no ano de 2008, o 1º e 2º anos do curso de formação de professores do ensino médio e pelas respostas relativas ao questionário aplicado, na turma do 1º ano, a totalidade dos (as) alunos (as), respondeu que a Arte se ensina, demonstrando, assim, a dimensão que têm sobre Arte, enquanto conhecimento.

Dezesseis alunos (as), do 1º ano, consideram que o tempo dedicado às artes na escola não é suficiente; e vinte dois alunos (as) responderam que na escola não há espaços específicos para se trabalhar com arte. Vinte e um alunos (as) gostam das propostas de Arte, porque através da Arte: desenvolvem a criatividade; ajuda a ter mais conhecimentos; ajuda a se expressar de maneira artística; é divertido; aprende-se sobre cultura através da Arte.

Após o diagnóstico iniciamos as oficinas de criação, quando as linguagens: plástica, poética e cênica se entrelaçaram permitindo com que cada participante pudesse vivenciar esteticamente o seu processo de criação. As propostas iam, muitas vezes, do individual ao coletivo, outras vezes, do coletivo ao individual, utilizando-se materiais diversos e sempre dando espaço para o uso da palavra oral e escrita.

Assim, muitas histórias foram tecidas, dando espaço à imaginação. Quantos desenhos, esculturas em argila, esculturas com massa de modelar, bonecas de papel entravam em cena, e, coletivamente, em um processo alquímico, transformavam-se em criativas histórias que ora os (as) deslumbravam, ora os (as) faziam brincar e sorrir!

Esses registros eram feitos nos seu diário de bordo, tipo diário de campo, o qual criativamente foi construído, por cada um (a).

Tais oportunidades surgiam como momentos sobre o pensar e o descobrir-se, atestando o potencial dos jovens que, encontra-se, muitas vezes, adormecido e esquecido em alguma parte de si mesmo.

Nesta aventura do descobrir-se, Josso (2008) ainda sugere:

A consciência de ser (ativa ou passivamente) sujeito de sua história, mediante todos os ajustamentos que foi preciso fazer, permite dimensionar o desafio de toda formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser me devir, e a sua objetivação nas formas socioculturais visadas, as que já existem ou as que se possa imaginar (p.31).

Na tentativa de dimensionar o desafio de ser professor, buscando materializar esses territórios de si, enquanto espaços possíveis a serem acessados, que a pesquisa se desenvolveu, materializando a crença que a Arte, através das diversas formas de linguagens pode caracterizar-se como um fecundo instrumental de acesso à ampliação da consciência de ser professor.

Participar dessas Oficinas na UENF está me ajudando em vários aspectos de minha vida. Descobri novos talentos meus que não conhecia. Adorei trabalhar com massa de modelar. Tenho observado o meu comportamento depois que comecei a fazer essas oficinas e estou mais relaxada e mais pronta para ouvir os outros. É sempre bom quando, nas propostas, voltamos a nossa infância e nos divertimos como crianças. A música ambiente também ajuda a relaxar (K. F, 15/09/2008)¹.

Liberdade consiste em fazer o que é preciso para que a verdade exista. A liberdade é fazer o que é certo. Todos devem ter a liberdade para conhecer um novo Mundo. Buscamos o melhor sem medo. Muitas vezes a verdade está na nossa frente, só que não a enxergamos (J.S, 15/05/2008).

Tais potenciais podem possibilitar o prazer de criar/poetizar, além do encantarem-se por caminhos ainda não trilhados, territórios investigativos na construção de uma identidade/subjetividade.

É na busca desses territórios de si, que a pesquisa foi se desenvolvendo e materializando a crença que a Arte é a linguagem natural da humanidade e apresenta um

¹ Os escritos foram retirados do material coletado durante a pesquisa, através dos Diários de Bordo de alunas do 1º ano do Curso de Formação de Professores do Colégio Estadual João Pessoa, no município de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, no ano de 2008.

caminho de conhecimento da realidade humana. Assim, ela se faz presente, juntamente com a Ciência, desde as primeiras manifestações humanas.

E que lembranças/memórias sobre o espaço escolar e sobre as vivências em Arte, as educandas trouxeram para os encontros? Como foram fazendo e inventando os seus modos de fazer através da escrita de si?

Minha infância foi muito feliz, tudo era colorido. Eu me lembrei de quando minha mãe me levava à escola. Era muito bom ver meus amigos, brincar de massinha, por avental para fazer pinturas. Na vivência foi tudo tão mágico que eu cheguei a sentir o cheiro de chocolate.

Eu me lembrei de quando eu era pequena que estudava na creche. Lembrei de muitas cores, da música, do chocolate. Lembrei que eu e as crianças da creche tínhamos que dormir toda à tarde, mas eu não conseguia pregar os olhos.

Minha mãe levava minha irmã e eu para a creche. Sempre que chegávamos lá minha irmã abria a boca a chorar.

A minha infância foi muito divertida. Aprendi muito. Lembro do cheiro do bolo de fubá que minha avó adorava fazer. Lembro de minhas professoras na escola, as minhas pinturas no caderno. (Diários de Bordo, março de 2008).

A oportunidade de recuperar memórias, registrá-las ou expressá-las plasticamente através de imagens, é um caminho possível capaz de levar a uma reflexão sobre o próprio processo de aprender e viver as experiências estéticas, pois, iluminam fazeres, o que Chamlian (2008) sinaliza:

A narrativa autobiográfica permite trazer à luz as dificuldades, as fraquezas, mas, também, as potencialidades e qualidades, que podem sedimentar escolhas, e fortalecê-las. Permite, sobretudo, compreender o processo de aprender e a implicação de esteriótipos na aceitação das explicações teóricas sobre a aprendizagem (p.136).

Ostrower (1998, p. 224) sustenta que todos os seres nascem com potencialidades sensíveis, e que o potencial de criação se articula, principalmente, através da sensibilidade. Assim, nos convida a pensar que:

A capacidade de criar formas expressivas contém um forte componente afetivo. Para criar, é preciso dar-se de corpo e alma, integrar a matéria em questão, identificar-se com ela a fim de

poder sondar as possibilidades de configurá-la em desdobramentos formais.

Incluimos em nossas reflexões sobre Arte, as contribuições de Vygotsky (2001) por representar um fecundo interlocutor em questões sobre a arte e educação estética, em uma concepção sócio- histórica. Sustenta que a atividade criadora é toda realização de algo novo, tratando-se de reflexos de algum objeto do mundo exterior, de determinadas construções do cérebro ou dos sentimentos que vivem e se manifestam no próprio ser humano.

Este autor elabora uma pergunta sobre a necessidade da arte:

Em realidade para que necessitamos da arte? Não influi acaso em nosso mundo interior, em nossas idéias e em nossos sentimentos do mesmo modo que o instrumento técnico no mundo exterior, no mundo da natureza? (VYGOTSKY, 2003b, p.25).

O que ainda, enfatiza:

Não é por acaso que, desde a Antiguidade, a arte tem sido considerada como um meio e um recurso da educação, isto é, como certa modificação duradoura do nosso comportamento e do nosso organismo. Tudo de que trata esse capítulo – todo o valor aplicado da arte, acaba por reduzir-se ao seu efeito educativo, e todos os autores que percebem uma afinidade entre a pedagogia e a arte, e, vêem inesperadamente o seu pensamento confirmado pela análise psicológica (VYGOTSKY, 2001, p.321).

Percebemos o sentido educativo da arte e a prática a ela relacionada como sugerido pelo autor. Em seus estudos, sustenta que a arte é trabalho do pensamento, mas de um pensamento emocional inteiramente específico, considerando que tal questão ainda não foi elucidada devidamente. Argumenta, portanto, que nos limitamos somente à análise dos processos que ocorrem na consciência, e, que desta forma, dificilmente encontraremos respostas para as questões mais fundamentais da psicologia da arte. Ressalta que não saberemos em que consiste a essência da emoção, uma vez que, para ser entendida, precisa ir além do consciente (p.57).

Vygotsky (1988, 2001, 2003 a,b,c) reflete sobre a **linguagem**, como constituidora do sujeito, ou seja, a arte potencializando a linguagem como instrumento do pensamento.

Afirma que, quando o indivíduo se apropria da cultura e da linguagem, ele se auto-organiza, uma vez que elas são dinâmicas, possuem movimento e não se cristalizam.

Sobre a questão da Vivência, entendemos que ela possibilita um saber do todo através da experiência das partes, em direção a encontros com o próprio potencial, considerando o ser em suas múltiplas formas de expressão. Uma vivência ou uma experiência possibilita um aprendizado circular favorecendo a inclusão do sujeito no processo de globalização de sua interiorização/exteriorização, proporcionando tomar consciência do todo, possível, através da ação, ou seja, um **perceber-se em ação**.

Incluimos as considerações de Larrosa (2002), na tentativa de ampliar a idéia de **Experiência**. Segundo esse autor, experiência, em espanhol, é “o que nos passa”. Em português, experiência é “o que nos acontece”, assim, pode ser o que nos passa, o que nos acontece e também o que nos toca.

Assim, uma experiência é singular, sua lógica produz diferença, heterogeneidade, pluralidade, sendo irrepetível e dotada de uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Uma vivência pedagógica se traduz em imprevisibilidade, singularidade, originalidade, pluralidade, diferença, inclusão, incerteza, permitindo abertura para o inusitado/desconhecido, para aquilo que, muitas vezes, nossos olhos não são capazes de ver. Para tanto, exige uma lógica diferente a qual estamos acostumados.

Nesse sentido, ao usarmos o termo-estética, estamos nos referindo à sensibilidade, ao mundo do sensível, à capacidade de perceber, sendo que a sensibilidade envolve a questão das sensações, ou seja, a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações (OSTROWER,1998,p.12).

O estético, nesta ótica, é o campo no qual a experiência humana alcança um significativo grau de realização, uma vez que tudo que vemos e percebemos é naturalmente sensível. Nosso ser percebe e sente, pois, não somos apenas razão discursiva e propositiva, mas, também, sensibilidade, sendo que o nosso corpo é a morada do sensível, sendo assim, devendo ser explorado a nossa capacidade imaginativa como veículo de ampliação do estético.

Na tentativa de ilustrar a questão, trazemos a escrita criativa de uma aluna que, ao juntar esculturas de massa de modelar feitas por duas colegas, construiu uma história contextualizada, ao agregar ao seu texto as olimpíadas de Pequim de 2008:

O homem minhoca e o sapo que surfa...

Era uma vez uma minhoca que vivia em uma floresta sozinha sem nenhum amigo. Até que um dia ela teve a oportunidade de conhecer um sapo que estava com uma tábua de passar roupa embaixo do braço... Então ela resolveu perguntar o que ele ia fazer com aquilo, pois estava indo em direção à praia! Ele nem deu idéia e foi na direção do Mar... Quando olhou, ele estava na maior onda com aquela tábua... A minhoca não acreditou! Ela pensava que a tábua era só para passar roupas, mas na verdade a tábua serve para muitas coisas...

Quando o sapo saiu do mar, a dona minhoca não resistiu ao charme e ao talento daquele cara!

- Nossa, seu sapo! Como o senhor surfa bem!

- Que isso dona minhoca!... Muito obrigado!

Eles se tornaram amigos e a dona minhoca começou a praticar esportes também... Começou a andar de skate... E assim foram para as olimpíadas de Pequim! E viveram felizes para sempre...

(Diário de Bordo, Setembro de 2008).

No dizer de Vygotsky (2003b) é a experiência com o real que instiga com que a imaginação possa fluir. Acrescentamos com suas contribuições:

A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que se erige o edifício da fantasia. Quanto mais rica for a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe a imaginação (p. 17).

A respeito desta questão, podemos concluir, pedagogicamente, com Vygotsky sobre a necessidade de ampliar a experiência da criança, do jovem, se queremos proporcionar-lhes uma base suficientemente sólida para sua atividade criadora, e no que diz respeito à formação de professores, contribuir para criativas trajetórias em busca da qualidade no desempenho profissional.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este foi um caminho que construímos para pensarmos sobre as práticas curriculares, a cultura escolar e a formação inicial de professores da Educação Básica.

A trajetória educacional do município de Campos dos Goytacazes (RJ) vem apresentando alguns avanços, mas permanecem profundas lacunas na formação dos professores, os quais vêm repercutindo diretamente na qualidade do ensino nas escolas estaduais e municipais, como revelam os dados estatísticos oficiais. Entretanto, o Colégio

Estadual “João Pessoa”, local onde realizamos a presente pesquisa tem buscado estratégias coletivas, no âmbito de sua gestão para fazer frente aos desafios que lhes chegam cotidianamente.

Por sua vez, no que tange ao ensino de Arte, o cenário exige que continuemos persistentemente a luta no sentido de garantir com que os dispositivos legais da área sejam cumpridos de forma efetiva no contexto da sala de aula, local onde acreditamos que poderemos realizar nossos sonhos possíveis no que se refere a uma formação mais sensível e estética de educandos e de professores que venham a interferir no mundo contribuindo na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

No compromisso com uma formação humana mais sensível, foi possível perceber que durante as vivências do processo criativo que cada futuro professor era capaz de sensibilizar-se com os convites que recebiam para ver, para tocar, para sentir, para experimentar e transformar os materiais e o meio ambiente, além da oportunidade de constantes trocas de aprendizados com os companheiros de jornada. Isso em um fluir que somava percepções internas e externas, mesmo que para alguns representasse momentos de insegurança. Tais momentos eram sempre recompensados pelo prazer de criar algo, que para eles representava o não experienciado anteriormente.

O que Josso (2008) argumenta:

A consciência de ser (ativa ou passivamente) sujeito de sua história, mediante todos os ajustamentos que foi preciso fazer, permite dimensionar o desafio de toda formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser me devir, e a sua objetivação nas formas socioculturais visadas, as que já existem ou as que se possa imaginar (p.31).

Nesta consciência de ser, sustentada pela autora, constatamos durante as oficinas, a atenção de cada um ao seu processo de criação, narrando-se a si mesmo, descobrindo-se e descobrindo o outro, em imagens tecidas, no entrelaçamento de histórias de vida reais e imaginárias.

Neste percurso brotaram valores e possibilidades de mudanças na formação dos futuros professores, evidenciando que cada um possuía experiências de vida diferenciadas, expressas nas relações de classe, de idade, de sexo, de formação escolar e que, muitas vezes, não encontravam espaços para virem à tona frente ao engessamento que as disciplinas escolares, quase sempre se caracterizam.

Ao pensarmos em novos caminhos curriculares que dêem vozes as professores garantindo espaços diferenciados de intervenções é preciso transformar os processos internos que são desenvolvidos na escola, implicando, para tal, mudar métodos pedagógicos em vista a uma outra formação docente, capaz de estimular uma perspectiva sensível/estética e cultural que inclua a complexidade da cultura e a experiência humana.

Nessa direção, Roldão (1998) nos convida a pensar que a desejada qualidade profissional deve ir em busca de uma outra qualidade – a do desempenho profissional, que indague sobre os significados das práticas escolares, seus limites e suas possibilidades na materialização de condições estruturais que resultem em lógicas, rotinas e planos mais democráticos dentro das ações cotidianas das escolas, transformando-as em locais de formação permanente, capazes de sustentar um projeto mais justo de educação e sociedade em direção às questões urgentes da contemporaneidade.

Dessa forma, a pesquisa foi capaz de contribuir efetivamente para uma formação profissional mais inteira e consciente, quando os territórios acessíveis aos sentidos testemunharam lugares de experiências formadoras e fundadoras, juntamente com espaços invisíveis e não tangíveis e simbólicos, cujas histórias de vida, histórias de formação foram capaz de desenhar um caminho, contribuindo para mudanças criativas na atitude consciente e estética de cada um quanto a sua própria condição de “SER PROFESSOR”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio*; v.1. Brasília, DF: MEC, SEF, 2008.

_____. Lei n.9.394, de 20 de Dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário oficial da República do Brasil, Brasília, DF, 23 de dez 1996. Seção1, p.27.839.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília, DF: MEC, SEF, 1997.

CHAMLIAN, Helena Coharik. Métodos autobiográficos e práticas de formação de adultos: apontamentos e balanço sobre experiências realizadas. In: PASSEGGI, Maria da Conceição, BARBOSA, Tatyana Mabel (Org.). *Narrativas de formação e saberes biográficos*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. IN: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). *Tendências da pesquisa (auto) biográfica*. Natal, RN: EDEFRN, São Paulo: Paulus, 2008.

LARROSA, Bondía Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Educação*. Jan/ Fev/ Mar/Abr, n.19, 2002.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1988.

NÓVOA, A. O método (auto) biográfico na encruzilhada dos caminhos (e descaminhos) da formação de adultos. *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2),1988.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PEIXOTO, Maria Cristina dos Santos. Um olhar no espaço de construção simbólica e amorosa do Ser. *Revista de Arteterapia: Imagens da transformação*. Rio de Janeiro, v.6, n.6, Mar.1999.

_____. As artes de fazer o cotidiano na educação infantil. *Revista Prismas da Educação*. Niterói, v.1 ,n.1, 2003.

_____. *Cenários de Educação através da Arte: bordando linguagens criativas na formação de educadores (as)*. Niterói: Intertexto, 2008.

ROLDÃO, M. Formar para a excelência profissional – pressupostos e rupturas nos níveis iniciais da docência. In: *Educação e Linguagem/Programa de Pós-graduação: Universidade Metodista de São Paulo*. v 1,n.1. São Bernardo do Campo: UMESP,1998.

SANTOS, Deise Márcia da Silva e PEIXOTO, Maria Cristina dos Santos. *Ensino de arte na formação inicial e continuada de professores em escolas municipais de Campos dos Goytacazes (RJ)*. Relatório de Pesquisa UENF/CNPQ. Texto mimeografado, Rio de Janeiro, 2010.

VYGOTSKY, L S. *La imaginación y el arte en la infancia*. Madri: Ediciones Akal, 2003a.

_____. A Educação estética. In: *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre, Artmed, 2003b.

_____. *A psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003c.